

TRADUÇÃO: PALEÓLITOS RIO-GRANDENSES
TRANSLATION: RIO-GRANDENSE PALEOLITH INSTRUMENTS

August Kunert

Vol. XIII | n°25 | 2016 | ISSN 2316 8412



O Sr. Pastor August Kunert escreve em carta dirigida ao senhor Rud. Virchow, em 30 de maio, do Forromecco, a respeito de Paleólitos Rio-grandenses.

Paleólitos Rio-grandenses¹

August Kunert²

Nos anos de 1890 – 92 enviei à Sociedade Berlinense de Antropologia e Pré-História algumas pequenas comunicações a respeito de antiguidades rio-grandenses. Hoje estou em condições de complementar e, parcialmente, corrigir minhas comunicações de então em decorrência de novas pesquisas.

Em antigos acampamentos indígenas também podemos encontrar ao lado das conhecidas machadinhas de pedra afiadas instrumentos de pedra em talha bruta que eram utilizados como facas e pedras de raspar. As pontas de flecha de ágata também jamais são polidas, mas talhadas com grande maestria. Além disso, existem pedras talhadas de forma rudimentar que jamais foram utilizadas, mas foram abandonadas nos locais de trabalho, pois eram consideradas peças mal sucedidas, imprestáveis. Tais pedras trabalhadas de forma rudimentar, contudo, deixam entrever que deveriam ter vindo a se tornar machadinhas de pedra e que, posteriormente, receberiam seu acabamento pelo polimento. Os nativos não se valiam apenas de cascalho de rio para a confecção de suas armas, mas quebravam pedaços apropriados da rocha e trabalhavam-nos, picando com outras pedras pelo tempo necessário até que a forma desejada fosse alcançada. Somente após a confecção da forma bruta as machadinhas eram afiadas com arenito. O fio, contudo, na maioria das vezes, era muito imperfeito e, certamente, jamais suficiente para cortar o couro de animal caçado. Para essa finalidade, valiam-se das lascas do bambu, de lascas afiadas de pedra, de cristais de basalto com cantos afiados ou de pedras de talha bruta, os quais jamais atingiam o tamanho de uma machadinha de pedra. Também as pontas de flecha pétreas, nas quais se pode reconhecer o tipo mais perfeito do paleolítico, testemunham de maneira claríssima que jamais se poderia sobreviver sem pedras talhadas, pois a pedra talhada sempre tem canto mais afiado do que a polida. O tipo paleolítico existe concomitante ao neolítico, - mas as pedras de talha bruta do período neolítico são relativamente pequenas e feias, eram instrumentos auxiliares de significado de fato subalterno -, eram abandonadas no acampamento, quando se saía em busca de novos campos de caça ou escolhia outra área de moradia. Esse é o motivo de o pesquisador encontrar seguidas vezes acampamentos e antigos fogos nos quais há *apenas*

¹Título original: Riograndenser Paleolithen, In: Zeitschrift für Ethnologie. Organ der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte. Redactions-Comission: M. Bartels, R. Virchow, A. Voss. Volume 32. Berlin: Verlag von A. Asher & Co, 1900, p. 348-352.

² A tradução procurou manter a pontuação, as maiúsculas e minúsculas fora de lugar e os maneirismos da redação de August Kunert. Tradutor: Martin Norberto Dreher; revisão: Francisco Silva Noelli.

pedras talhadas, mesmo que as demais circunstâncias expressem com clareza que tais acampamentos são recentes e pertenceram a tribos que fora de qualquer dúvida utilizavam armas de pedra polida.

Aqui, contudo, também existem paleólitos reais, pedras brutas utilmente talhadas que se distinguem na forma e no tamanho das pedras talhadas de períodos mais recentes. Também se pode constatar que são pertencentes ao período mais antigo da Idade da Pedra. De forma isolada já encontrei há anos algumas dessas pedras maiores, especialmente no Morro do diabo, que haviam sido talhadas à moda das pontas de flechas. À época, contudo, não soube reconhecer sua importância. Algumas dessas pedras quase da grossura de um braço estavam tão decompostas que se podia arranhá-las com a unha do dedo e quebrá-las sem dificuldade – experiência com a qual, infelizmente, destruí alguns belos exemplares totalmente – outras feitas de material mais resistente estavam muito bem preservadas. Três dessas pedras enviei ao Dr. [Otto] Wendt, em Elberfeld, o qual, tanto quanto sei, as enviou ao Museu do Paço de Viena³ ou ao Museu de Florença. A princípio classifiquei essas armas como pertencentes ao período Neolítico, pois as encontrei num distrito, no qual haviam sido encontrados os mais antigos neólitos, machados grandes em forma cilíndrica de tipo muito peculiar. Depois que neste local foi derrubado e lavrado bom pedaço de mata (plateau do Morro do diabo junto ao Forromecco), quando da primeira lavoura da terra apareceram cinco paleólitos; encontravam-se a maior profundidade do que os velhos paleólitos encontrados na vizinhança e que se achavam na companhia das pedras talhadas anteriormente mencionadas bem na superfície em fina camada de argila. As cinco pedras de talha bruta encontravam-se a cerca de um pé de profundidade em pequena depressão. Antes que se possa formar camada de solo de um pé de profundidade na mata virgem, e ainda mais no plateau de alta montanha, devem ter passado longos períodos de tempo.

Os neólitos e paleólitos anteriormente encontrados estavam bastante decompostos, enquanto que as pedras encontradas na depressão não apresentam forte decomposição ou fragmentação, a não ser leve incrustação decorrente do solo argiloso. Alguns foram trabalhados em material duro como o vidro que de modo algum aceita incrustação e muito dificilmente se decompõe, outros foram feitos de espécies de pedra menos resistentes. A maior parte das pedras foi tirada pelos que as trabalharam de riacho próximo, cujo cascalho ainda não havia sido tão fortemente arredondado em seus cantos quanto o cascalho cilíndrico de rios maiores.

Mesmo que tenha sido possível constatar a idade aproximada dessas armas a partir das circunstâncias geológicas, os momentos geológicos mesmo assim não permitem um cálculo da idade em números. Procurei estabelecer cálculo em números, cujas fraquezas reconheço, da seguinte maneira. Pudemos constatar na região do Rio Cahy e do Forromecco que o número dos acampamentos surgidos no período pós-colombiano em relação ao número dos pré-colombianos é de 1 a 9 até 14. Se deixarmos de levar em conta um século por causa do avanço dos europeus, mas supusermos o período pós-colombiano em 300

³ WeltMuseum, Viena.

anos, se, além disso, pudermos supor que a densidade populacional tenha sido em todas as épocas a mesma, se pudéssemos ter a certeza absoluta de ter encontrado todos os acampamentos e que, considerando a dificuldade de realizar o cálculo, não tivéssemos cometido nenhum erro, aí o resultado do cálculo de 2.700 a 4.200 ou em média 3.000 anos poderia ser aceitável. Quando se conta os locais de acampamento, muitas vezes, há a inclinação de contabilizar como iguais armas de pedra e vasos de argila que se encontram isoladamente em determinada área e tê-los por um grupo e pertencentes a um acampamento: daí procede a oscilação do número de 9 – 14. Caso, porém, nos valermos apenas do número de relação seguro 1 a 9 como base de nosso cálculo, se supusermos que a densidade populacional tenha diminuído progressivamente em relação aos tempos mais antigos e que, em consequência, tenham surgido sempre menos acampamentos, continuaremos a ter ainda assim um número maior do que 2.700 como resultado. – A constatação do número de relação só é possível em colônias recém instaladas, pois após cultivo prolongado do solo os vestígios de acampamentos mais antigos desaparecem por completo. Também não podemos esquecer que os indígenas do período pós-colombiano se encontravam em situação de aperto; foram obrigados a transferir mais seguidas vezes seus acampamentos do que em épocas anteriores, e essa situação dificulta por completo o cálculo.

Nas camadas mais profundas do solo de aluvião dos vales dos nossos rios, mesmo tendo o máximo cuidado, não encontrei vestígios de existência humana. Não posso afirmar, se os paleólitos encontrados vão até o período plioceno; pois no plateau de alta montanha com camada de argila relativamente fina não se pode constatá-lo. No entanto, eles comprovam o suficiente que a população mais antiga do Rio Grande não imigrou apenas no período dos neólitos. É possível que na mata virgem tenham se mantido até o neolítico algumas tribos que tenham se valido apenas de armas de pedra e que aqui paleólitos e neólitos tenham coexistido; pois o “progresso” da pedra talhada até a pedra polida não é tão fenomenal que pudesse vir a se transformar em questão existencial. No entanto, aqui junto ao Cahy e ao Forromecco não existiram tais tribos. Aqui a história de nossa pré-história se apresenta da seguinte maneira:

O período paleolítico,

O período pré-colombiano primitivo, caracterizado por machadinhas longas de forma cilíndrica,

O período pré-colombiano tardio,

O período pós-colombiano.

Se na maioria dos locais de achado nos vales dos rios só pude constatar os períodos pós e pré-colombiano e só reconheci períodos mais antigos fragmentariamente, no tocante aos acampamentos do Morro do diabo estive em condições de reconhecer todos os períodos e estabelecer sua sequência. Sobre o plateau desse planalto ainda moravam há 60 anos os indígenas; quando de sua retirada deixaram para trás grande quantidade de machados de pedra, instrumentos de argila em forma de bacias, uma bola, diversas pontas de flecha de pedra e um cachimbinho de tabaco. Reconheci os vestígios dessa tribo por causa de suas bacias de argila características em um acampamento do Rio das Antas, onde também se verificou que esses

indígenas ainda possuíam belas e grandes contas de vidro vétero-venezianas. Antes dessa época o vale do Forromecco estava povoado por tribos, cujos instrumentos de pedra e de argila são do tipo antigo comum; mas já essas tribos estiveram em confronto guerreiro com os europeus, pois em um acampamento foi encontrado o cabo de espada antiga.

Além do vale encontra-se uma série de acampamentos nas encostas do Morro do diabo que comprovam ser pré-colombianos por causa da ausência de achados acompanhantes de origem europeia, por causa do desaparecimento de vestígios de carvão e cinza, de ossos e cascas de ostras. Esses locais são a maioria e situo-os no período pré-colombiano tardio, mesmo que por causa da grande quantidade de objetos se estenda bastante para o passado. Coloco nesse período todo o acampamento, cujos cacos de argila não tenham se desintegrado totalmente.

Agora, também se encontra no plateau do Morro do diabo um circuito que fora de qualquer dúvida também foi acampamento, mesmo que faltem por completo cinza, vestígios de carvão e cacos. Em troca foram encontradas aquelas machadinhas longas bastante decompostas e uma série de machadinhas de tamanho comum, cujo final polido era mais estreito do que seu final obtuso. É provável que em sua proximidade tenham existido outrora também cacos de panela; mas eles se transformaram em pó durante período, no qual a pedra se decompôs fortemente. Como, porém, aí foram encontrados alguns paleólitos pensei em classificar também essas pedras de talha bruta no período pré-colombiano primitivo.

Nas vizinhanças destes neólitos mais antigos apareceram, recentemente, uma série de paleólitos. Encontravam-se a cerca de um pé de profundidade no solo e o exame das condições do solo verificou serem mais antigos que as machadinhas de pedra polidas. Os paleólitos encontravam-se em leve elevação do solo, onde não aconteceu aluvião. Aí aparece solo firme de argila e, parcialmente, rocha. Essa camada de argila vai em direção a uma depressão que foi fechada ao longo do tempo por argila farelenta e húmus. Na superfície encontravam-se os neólitos mais antigos e estes na direção de pequena elevação, enquanto que à profundidade de um pé sob o alúvio na camada de argila se encontravam os paleólitos recentemente descobertos. Pode-se supor com bastante certeza que os paleólitos encontrados na elevação do solo, mesmo que tenham estado à superfície sejam tão velhos quanto os que se encontravam na depressão; fora de qualquer dúvida, porém, as pedras talhadas da depressão, mesmo que estejam menos decompostas pertencem ao período *mais antigo*, ao período paleolítico.

Em nenhum outro local pude constatar a sequência dos períodos mais antigos com tanta certeza como no Morro do diabo. Isoladamente, também encontrei paleólitos no vale do Cahy, mas em nenhum local foi possível comprovar com exatidão a idade. Como agora me encontro nas pegadas da real situação, farei novas pesquisas após o final da colheita das plantações e apresentarei relatório sobre o resultado. -

O autor entregou os paleólitos referidos ao Museu estatal, espera, contudo, poder enviar uma fotografia dos mesmos, bem como todas as armas de pedra típicas.

O senhor Virchow agradece profunda e antecipadamente pela dádiva esperada.